

Terras para o cultivo do café na Amazônia Sul-Occidental exigem soluções tecnológicas distintas

Ampla variabilidade de solos pode ser determinante para o sucesso ou fracasso da cafeicultura regional.

Elaine Almeida Delarmelinda Honoré,
Universidade Federal de Rondônia

Paulo Guilherme Salvador Wadt,
Embrapa Rondônia

Ângelo Mansur Mendes
Embrapa Territorial

Os estados da Amazônia sul-ocidental, incluindo Rondônia, Acre e a porção sul do Amazonas, apresentam terras com potenciais e limitações diferenciados para o cultivo do café. A grande variabilidade de solos e potencial agrícola das terras exige que soluções tecnológicas distintas sejam adotadas em cada situação, como meio de sanar as limitações e proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da cafeicultura.

As terras aptas ao cultivo do café incluem àquelas com solos profundos, bem drenados, com boa capacidade de armazenamento de água e situados em paisagem de relevo de baixa a média declividade, facilitando a adoção de mecanização. As principais limitações da maioria dessas terras estão na susceptibilidade à erosão, naquelas paisagens com relevo mais movimentado, e na baixa fertilidade natural desses solos.

Ambas as limitações podem ser contornadas pela introdução de técnicas de controle da erosão, pela correção da acidez do solo e pela prática de adubação. Outras terras da região, como aquelas de solos pedregosos, ou sujeitas às condições de má drenagem, inclusive aqueles solos de alta fertilidade natural, são restritivos à implantação de lavouras.

De uma forma geral, as terras de melhor aptidão estão associadas aos solos da ordem dos Argissolos Vermelho Amarelos (PVA) e Latossolos Vermelhos Amarelos (LVA). Como destaque para a cafeicultura, tem-se em Rondônia os Argissolos Vermelho Amarelos, de Ouro Preto do Oeste, ou os Nitossolos Vermelhos associados aos Argissolos, de Alta Floresta d'Oeste.

Uma característica diferencial entre as terras com Latossolos e Argissolos, está que, aquelas com ocorrência de Argissolos, apresentam maior susceptibilidade à erosão por terem a camada superficial do solo mais arenosa que a camada subsuperficial. E, portanto, exigem maior atenção em relação à

cobertura superficial para evitar perdas de solo por ocasião das chuvas ou irrigação.

Importante destacar que nas terras onde ocorrem Latossolos ou Argissolos com presença de concreções ferruginosas (petroplintitas), denominadas vulgarmente de piçarra, ou de horizontes (camadas do solo) com coloração acinzentada, pode haver restrições ao desenvolvimento do sistema radicular dos cafeeiros, por causa dos impedimentos físicos ou má drenagem do perfil do solo.

Outras terras de Rondônia, onde ocorrem os Latossolos Amarelos (LA) da região de Ariquemes e Machadinho d'Oeste, embora também aptos à cafeicultura, apresentam uma restrição de uso maior, em virtude da associação entre baixa fertilidade do solo e altos teores de argila do tipo das caulinitas. Isso resulta em maior densidade do solo e, portanto, maior dificuldade de manejo e condições mais restritivas para o desenvolvimento da cultura.

Terras que também apresentam graves restrições são aquelas mal drenadas, constituídas por Plintossolos em geral (FT, FX ou FF) ou outros solos de aspectos semelhantes, que apresentam, em profundidade, coloração mista (composta de tons vermelhos, amarelados e acinzentada), como alguns Cambissolos (CX) da região de Pimenta Bueno (RO), ou de Humaitá (AM).

Há ainda terras com predomínio de solos muito arenosos, como os Neossolos Quartzarênicos (RX) de Rondônia localizados entre Pimenta Bueno e Vilhena, que estão entre os mais limitantes para a produção de café, pois apresentam baixa capacidade

“as terras de melhor aptidão estão associadas aos solos da ordem dos Argissolos Vermelho Amarelos (PVA) e Latossolos Vermelhos Amarelos (LVA).”

de retenção de água e nutrientes, exigindo maior investimento em técnicas de irrigação e fertilização para que possibilitem maior capacidade produtiva para as lavouras cafeeiras.

Em terras com solos muito pedregosos, como nos Neossolos Litólicos (RL), comuns em Rondônia, pode haver comprometimento do desenvolvimento do sistema radicular do cafeeiro, mas, principalmente, menor capacidade de armazenamento de água e limitação para a operação das máquinas e equipamentos agrícolas, dificultando um manejo mais racional.

Em algumas terras do Estado do Acre, especialmente nos solos conhecidos por possuir a argila do tipo “tabatingas”, as limitações para o cultivo do café estão associadas à má drenagem dos solos. Conhecidos como Luvisolos Háplicos (TX), ocorrem

muitas vezes também associados a Cambissolos, Vertissolos e, em grau variável, alguns Argissolos. Nestas terras, no período chuvoso, pode ocorrer deficiência de oxigênio no solo por causa do excesso de água acumulado. No período seco, pode haver deficiência hídrica em virtude da baixa capacidade de armazenamento de água na forma disponível para o cafeeiro.

No sul do Amazonas, nas terras localizadas em áreas mais baixas da paisagem regional, pode haver solos que permanecem encharcados durante a maior parte da época chuvosa, sendo pouco aptos para o cultivo do cafeeiro, como nos Plintossolos Argilúvicos (FT) e Cambissolos Háplicos (CX). Por outro lado, em terras de cotas mais elevadas, normalmente associadas a solos bem drenados e argilosos, relevo plano a suave ondulado, com ausência de pedregosidade, há maior aptidão para o cultivo



Figura 1. Latossolo Amarelo.
Mancio Lima - AC.



Figura 2. Latossolo Vermelho Amarelo.
Ouro Preto d'Oeste - RO.

do café, como nos Argissolos Vermelho Amarelos (PVA) de Humaitá ou nos Latossolos Vermelho Amarelos (LVA) de Boca do Acre, AM.

Fatores como a fertilidade do solo, as condições de drenagem, sua suscetibilidade à erosão, eventuais restrições ao uso de mecanização e a disponibilidade de água, a partir da frequência de chuvas e capacidade de armazenamento do solo, são determinantes para a viabilidade econômica da cafeicultura.

Portanto, apesar do avanço do café em Rondônia e sua expansão para outros estados da Amazônia sul-ocidental, é pertinente destacar que essa região possui grande variabilidade no potencial de uso de suas terras para a produção agrícola, em que a ampla variabilidade de solos é um dos fatores-chaves para determinar o sucesso ou fracasso econômico e ambiental da cafeicultura regional.

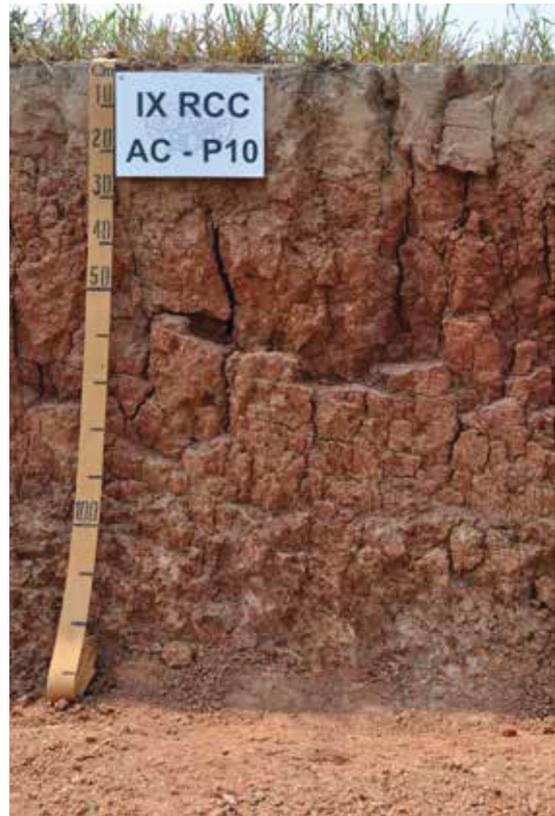


Figura 3. Luvisolo Háplico.
(IBGE). Setembro de 2010, Tarauacá, AC.



Figura 4. Nitossolo Vermelho.
(IBGE). Setembro de 2017, Alta Floresta d'Oeste, - RO.



Figura 5. Plintossolo.
PortoVelho - RO.